

BALTAZAR, Márcia C.; LIBÓRIO, Elaine Caroline do Nascimento. **Somaestética em Territórios Violentos?** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora efetiva do Departamento de Teatro (DTE) - UFS; Pós-Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Estadual de São Paulo (ECA/USP). Graduada em Teatro-Licenciatura DTE/UFS; Bolsista voluntária PIBIC-CNPQ, orientação Márcia C. Baltazar (DTE/UFS).

RESUMO

Parte-se do pressuposto que é possível a construção coletiva social da vida em comum como obra de arte, como instigou Foucault em seus últimos cursos sobre a Estética da Existência. Parte-se também do pressuposto de que o trabalho dos artistas de Teatro envolve risco e atenção constante para o fluxo de seus atos representacionais. Toma-se como hipótese que a Educação Somática possa ser uma prática metodológica para a busca da vida em comum como obra de arte, inclusive em territórios violentos. Objetiva-se escolher, então, uma conceituação sobre práticas somáticas enquanto política e prática social. Assim, é feita uma ainda incipiente revisão bibliográfica sobre os conceitos de Teoria Social Somática, de Jill Green, e Somaestética, de Richard Shusterman, e opta-se pela Somaestética como conceito-prática mais adequado para a afirmação dessa política-arte.

Palavras-chave: Educação Somática. Teoria Social Somática. Somaestética.

ABSTRACT

As instigated by Foucault in his last courses on the Aesthetics of Existence, it is assumed that is possible the collective social construction of life in common as a work of art. It also starts from the assumption that the work of theater artists involves risk and constant attention to the flow of their representational acts. It is assumed that Somatic Education may be a methodological practice for the pursuit of common life as a work of art, including when we focus on violent territories. The purpose of this article is to choose a theory of somatic as political and social practice. A still incipient bibliographic review is made on the concepts of Social Somatic Theory, by Jill Green, and Somaesthetics, by Richard Shusterman. Although Somaesthetics is chosen as the most appropriate concept-practice for the political-art that was assumed as possible.

Keywords: Somatic Education. Social Somatic Theory. Somaesthetics.

Em seus últimos cursos, quando estava construindo o pensamento sobre uma *Estética da Existência*, Foucault lançou a provocação a seus alunos de encararem a vida como obra de arte:

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida? (FOUCAULT, 1995 apud NASCIMENTO, [2003] p. 3).

Para a corrente de pensadores esquizoanalíticos, há a concepção clara de que as subjetividades só existem em processo, em movimento. Entre eles, Suely Rolnik (1992), preocupada com novos pactos democráticos para a construção de vida em comum, usou dos novos paradigmas da física quântica para desenvolver uma tese de que ressignificar as relações coletivas exige coragem de suportarmos o caos – próprio da alteridade em fluxo – e de operarmos a produção de nossa existência como obra de arte, separando o que favorece do que não favorece a vida, tendo como critério a afirmação de nossa potência criadora.

Inúmeros autores do Teatro falam do risco e da relação com o presente inerente para a criação de sentido do ator (ou *performer*) em cena. Os artistas da cena têm a percepção do fluxo mutante dos acontecimentos e a percepção das relações e dos jogos entre os seres e o desafio arriscado que é manter-se em ação sobre o fio da navalha desta atenção ao presente.

Por exemplo, Ana Cristina Colla, atriz do Grupo Lume, em sua tese de doutorado, nos fala desse risco existente no trabalho do ator/da atriz:

Por risco entendo permitir-se estar vulnerável, ultrapassar limites, experiência ligada à exposição, à prova, ao perigo. Ir além do confortável, conhecido, mastigado. E nem precisamos ir muito longe, às vezes, só o fato de nos colocarmos olho no olho, de frente para um espectador, sem ações prévias programadas, apenas para olhar e ser olhado, já temos a sensação de palpitação, de vulnerabilidade, riso besta no rosto, mãos tagarelas, perna que balança.

Experiência enquanto uma travessia que envolve perigo, porque ambiciona romper fronteiras, situar-se no espaço vulnerável e ir além, até o fim, no limite possível, para que a transformação aconteça. Vida e morte, como possibilidade de renascimento (COLLA, 2010, p. 29).

A diretora e criadora do método *Viewpoints*, Anne Bogart, também relaciona o Teatro como uma arte viva cheia de mistérios e perigos. A tensão vivida em processo criativo teatral, tanto por atores quanto por diretores, é uma tensão de risco num profundo jogo entre artistas. É a partir da confiança em correr risco que a construção de uma obra de arte se efetua. A criação artística se dá sob o medo. A partir da confiança no processo se cria um estado de humor, de encanto, vivido com arte teatral (BOGART & LANDAU, 2019).

Em consonância com este pensamento, percebo que as práticas de pesquisa criativa dos artistas da cena, que em grande maioria exigem a atenção voltada para o corpo em ação, representam estratégias a serem estudadas como facilitadoras de uma atitude política “rumo à utopia corajosa de nos jogarmos em projetos coletivos entre sujeitos conscientes e em risco constante e, mesmo assim, desejosos de vida em comum” (BALTAZAR, 2019, p. 196).

Considerando a não separação entre corpo e mente, ou seja, abandonando o mito, já ultrapassado e criado pela cultura ocidental, que dividia o corpo e a mente, transformando o corpo em um objeto, uma entidade

mecânica ou o lugar do sensível, e a mente como única a ser capaz de alcançar conhecimento e controle; escolho a Educação Somática como método de tentativa para a construção de vida em comum como obra de arte.

Segundo o Código Deontológico do Reagrupamento pela Educação Somática, de 1995, “a Educação Somática é um jovem campo disciplinar que se interessa pela aprendizagem e pela consciência do corpo em movimento no interior de seu meio. Tal campo propõe uma descoberta pessoal de seus próprios movimentos, de suas próprias sensações. Esse processo educativo é oferecido em cursos ou lições em que o orientador propõe pela palavra, ou ainda pelo gesto ou o tocar, atividades pedagógicas de movimento e de percepção do corpo” (VIEIRA, 2015, p. 129).

Nesse sentido, me pergunto se a Educação Somática, ou seja, se uma pedagogia de consciência corporal para o corpo em fluxo, quando usada como método de ensino público para o sensível e para a representação, pode trazer novas configurações estéticas e políticas para a vida coletiva em sociedade, inclusive em territórios marcados pela violência social?

Autores como Jill Green e Shusterman elaboraram teorias que respondem por diferentes vieses essa questão. A seguir apresentaremos considerações preliminares, baseadas nas leituras realizadas até o momento, sobre os conceitos desses autores.

Jill Green fala em Teoria Social Somática:

A teoria social-somática baseia-se nas ideias de escritores como Don Johnson e Elizabeth Behnke, que abordam questões de autoridade corporal e demonstram como nossos corpos são moldados pelas culturas em que vivemos. A partir dessa perspectiva, a cultura ocidental cria o mito de uma separação corpo/mente. No entanto, esta separação não divide simplesmente as nossas mentes dos nossos corpos e favorece a mente em detrimento do corpo. Em vez disso, há uma obsessão ativa com o corpo como uma entidade objetiva e mecânica. Há um foco no corpo, mas como um instrumento mecânico e não como um soma. Através de uma normalização sobre como os corpos deveriam ser e agir, a cultura dominante mantém o controle à medida que as pessoas abandonam sua autoridade corporal. Deveríamos dizer que essa teoria pode ser usada de maneira afirmativa, à medida que as pessoas são capazes de um maior agenciamento, pois o corpo é usado como resistência às normas culturais (GREEN, 2019, nota 3, p. 28).

Vemos que, na mesma linha das teorias decoloniais, a Teoria Social Somática apresenta um instrumento de análise teórica e crítica para os corpos e suas ações em sociedade, revelando o caráter adestrador das crenças que conduzem nossas *mise en scène* sociais, sendo que a autora considera que esta teoria favorece a ações resistentes às normas e à dominação cultural.

Green propõe ampliar a noção de Educação Somática para que esta passe a ser vista não só como um processo individual, pessoal, mas que também passe a ser um processo coletivo de construção social, o que ela

chama de Teoria Social Somática, acreditando que a auto consciência corporal nos leva a entender processos coletivos, construções sociais e históricas.

(...) bodily experience is not neutral or value free; it is shaped by our backgrounds, experiences, and sociocultural habits. We are not all given some generalized body and all bodies are not the same. Our bodies are constructed and develop in a particular place at a particular time and habituated by the culture in which we live. (GREEN, 2015, p.69)

Assim a Teoria Social Somática reconhece o corpo sensível como parte da construção do conhecimento, como parte importante para entendermos o mundo no qual vivemos. A percepção dos nossos movimentos corporais, da forma como o corpo funciona e age é importante para a construção de uma consciência interior, do processo de autoconhecimento e conhecimento do outro, o que proporcionará êxito ao trabalho do(a) dançarino(a), do(a) ator(atriz), bem como corpos em qualquer função social (LIBÓRIO, 2020).

Por outra vertente, Richard Shusterman fala em Somaestética, que o mesmo caracteriza como o cultivo da consciência corporal capaz de ampliar as capacidades estéticas, éticas e cognitivas do ser humano, definindo a Somaestética como disciplina que recoloca a experiência do corpo e da reestilização artística no coração da filosofia enquanto arte de viver.

Shusterman está num diálogo interno dentro da Filosofia e enfrenta críticas ao tentar criar uma nova modalidade de área na Estética. Assim, nos basearemos no artigo do professor Rodrigo Duarte, da área de Estética da UFMG, intitulado “O lugar do Corpo. Uma avaliação crítica da Somaestética de Richard Shusterman”, publicado em 2018, pois neste texto o comentador nos oferece um organizado resumo sobre a Somaestética além de apontar críticas a ela.

Shusterman também parte da crítica de que por muito tempo a Filosofia e as ciências tem considerado o corpo apenas como um objeto, um aparato mecânico, que não permite conhecimento. Assim, há uma “escassez de abordagens filosóficas sobre o corpo” (DUARTE, 2018, p. 105) e Shusterman acredita ser necessário a criação de uma outra disciplina, a Somaestética, que proporcione “o estudo crítico, melhorativo da experiência e do uso do corpo de alguém, como um *locus* de apreciação (*aesthesis*) sensorio estética e de automodelação criativa.” (apud DUARTE, 2018, p.106-107). A Somaestética acaba com a divisão corpo/mente, considerando o soma como um “corpo vivo sensitivo”, muito mais do que um corpo meramente físico, mas que incorpora subjetividade e percepção.

Shusterman demonstra qual a importância desta disciplina comparando-a com os objetivos tradicionais, ou não tão tradicionais, da Filosofia. Um primeiro objetivo seria o conhecimento em geral, que para a Somaestética seria conquistado pelo aperfeiçoamento do conhecimento sensorial ao corrigirmos o atual desempenho funcional de nossos sentidos por meio de um direcionamento aperfeiçoado da pessoa.

Um segundo objetivo seria o autoconhecimento, que na Somaestética, o conhecimento da dimensão corporal da pessoa faria parte do processo de autoconhecimento, não considerando apenas a forma externa do corpo, ou representação, mas também a experiência vivida, o aperfeiçoamento da consciência de nossos sentimentos e estados corpóreos.

Outro objetivo: a conquista da virtude ou ação correta, que para ser efetivada necessita mais que o conhecimento e/ou o autoconhecimento, e depende de uma “vontade efetiva”. Assim, a exploração de nossa experiência corporal pela Somaestética nos permite realizar de forma real a volição efetiva, uma aplicação concreta da vontade no comportamento.

Quanto ao bem-viver, este objetivo na Somaestética, coloca a corporeidade como medida indispensável para a realização pessoal, a preocupação com o corpo como *locus* e *médium* dos nossos prazeres, permitindo-nos viver melhor e alcançar o bem-viver.

Quanto à autodeterminação e à liberdade, a Somaestética teria um papel crucial para a filosofia política assumindo a crítica de Michel Foucault às manifestações da biopolítica enquanto coerção e que tornam o corpo um substrato dócil e maleável.

Quanto à ontologia enquanto objetivo filosófico, na Somaestética o corpo é transformado no ponto focal, e a partir dele podemos reconhecer o mundo e concomitantemente nós mesmos, a forma como somos projetados construtivamente e pertencemos a ele.

Finalmente, como um objetivo não tradicional da Filosofia, Shusterman menciona a terapia somática como a relação entre o corpo e o desenvolvimento psicológico como abordagem da Somaestética prática.

Shusterman também divide a Somaestética em três categorias: analítica, pragmática e prática.

A Somaestética analítica “descreve a natureza básica das percepções e práticas corporais e suas funções em nosso conhecimento e construção da realidade” (apud DUARTE, 2018, p.110). A Somaestética analítica leva em consideração aspectos ontológicos, epistemológicos e sócio-políticos; é uma área descritiva, pensando de qual forma o corpo é construído pelo “poder” e da mesma forma empregado como instrumento para manter o “poder”, obedecendo a normas corpóreas de saúde, aptidão e beleza.

A Somaestética pragmática é normativa e prescritiva, “propõe métodos específicos de aperfeiçoamento somático” (DUARTE, 2018, p.110), seu foco é o que Shusterman chama de crítica comparativa, a partir da qual possa viabilizar a criação de qualquer método. A Somaestética pragmática sempre terá como pressuposto a Somaestética analítica.

A Somaestética prática diz respeito à relação entre o corpo e a dimensão psicológica. No âmbito da Somaestética podemos dividir as práticas em dois tipos: práticas representacionais e práticas experienciais. As práticas

representacionais se referem a representação que o corpo ocupa e/ou quer ocupar dentro do ambiente no qual vive, por exemplo, a estética corporal e facial, que visam a boa forma, a beleza física, levando pessoas a se adaptarem a um padrão socialmente definido, aprovado e incentivado, através de, por exemplo, cirurgias plásticas. As práticas experienciais referem-se às atividades corpóreas com repercussões psíquicas, visam um bem-estar pessoal, aperfeiçoam o equilíbrio psicossomático, aumentam a autoconfiança, como a Yoga, Tai Chi Chuan, Pilates etc.

Rodrigo Duarte reconhece a importância de Shusterman ao propor o estudo da corporeidade através de uma disciplina filosófica, a Somaestética. Ele também exalta a capacidade intelectual do autor ao se propor ir além da filosofia ocidental tradicional e incorporar momentos da filosofia indiana, chinesa e japonesa. Mas, também tece algumas críticas ao seu trabalho; a primeira crítica é bem conceitual e foi apresentada pelo próprio Shusterman: a Somaestética não discorre em um conteúdo puramente filosófico, ela inclui conteúdos não filosóficos e não abre mão de ser Filosofia; portanto, ele pretende dar à Filosofia uma práxis, algo vivido e praticado, não apenas estudado, tentando remontar à Filosofia Antiga. A outra crítica de Duarte é que a partir da divisão Soamestética prática em representacional e experiencial, Shusterman cai na dicotomia mente e corpo que tanto tenta evitar.

Em função das leituras realizadas até o momento e a parte as críticas de Rodrigo Duarte à Somaestética, vejo o conceito de soma mais literalmente incorporado na teoria de Shusterman que na de Jill Green, cujo conceito de Teoria Social Somática me parece estar apenas no campo da análise. Corroborando com esta escolha preliminar, numa obra anterior de Shusterman, traduzida para o português, “Vivendo a Arte. O pensamento pragmatista e a estética popular”, o autor estuda o funk e o rap nos EUA e afirma:

(...) que a arte popular não somente pode satisfazer os critérios mais importantes de nossa tradição estética, como também tem o poder de enriquecer e remodelar nosso conceito tradicional de estética, liberando-o de sua associação alienada a temas como privilégio de classe, inércia político-social e negação ascética da vida. (SHUSTERMAN, 1998, p.104)

Portanto, como a pergunta se mantém aberta, ou seja, se a Educação Somática, quando usada como método de ensino público para o sensível e para a representação, pode trazer novas configurações estéticas e políticas para a vida coletiva em territórios marcados pela violência social, talvez o conceito-prática de Shusterman ofereça mais pistas para a afirmação dessa política-arte. No entanto, saliento que as leituras tanto sobre Teoria Social Somática quanto Somaestética ainda são incipientes para qualquer escolha definitivamente adequada à pesquisa, também em início, sobre práticas somáticas em territórios violentos.

Referências bibliográficas

BALTAZAR, Márcia. Expressão corporal: educação somática e política. Salvador: *Repertório*, ano 22, n. 32, p. 183-198, 2019.

BOGART, Anne & LANDAU, Tina. *O livro dos Viewpoints*. O guia prático para Viewpoints e composição. São Paulo: Perspectiva, 2019.

COLLA, Ana Cristina. *Caminhante, não há caminho*. Só rastros. Tese. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Artes, IA-Unicamp, 2010.

DUARTE, Rodrigo. O lugar do corpo- Uma avaliação crítica da somaestética de Richard Shusterman. *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea* – Volume VI, nº 1, 2018.

GREEN, Jill. Movendo-se para dentro, para fora, através e além das tensões entre experiência e construção social na teoria somática. Salvador: *Revista Repertório*, ano 22, n. 32, p. 21-43, 2019.

GREEN, Jill. Espiritualidade Pós-Moderna? Uma Narrativa Pessoal. Tradução: Diego Pizarro, Ludimila Mota Nunes. Curitiba: *Revista Científica/FAP*, v. 17 n. 2, jul./dez. 2017.

GREEN, Jill. Social Somatic Theory: Issues and Applications in Dance Pedagogy. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, n.13, p.65-76, jul./dez. 2015.

LIBÓRIO, Elaine Caroline do Nascimento. *Teatro e Somática Social*. Relatório Parcial PIBIC. São Cristóvão: Departamento de Teatro/UFS, 2020.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Nos rastros de Foucault: ética e subjetivação. Espaço Michel Foucault. [2003]. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/olhares.html>. Acesso em:30 jul. 2018.

ROLNIK, Suely. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. 1992. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2017.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a Arte*. O pensamento pragmatista e a estética popular. Tradução de Gisela Domschke. São Paulo: editora 34, 1998.

VIEIRA, Marcilio Souza. Abordagens somáticas do corpo na dança. Porto Alegre: *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 5, n. 1, p. 127-147, jan./abr. 2015.